



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6969 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PICHAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADES: ARTICULAÇÕES EM TORNO DE IMAGENS EM TRÊS ESCOLAS DA PARAÍBA

Priscila Santos Canuto - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Marcos Felipe Gonçalves Maia - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

PICHAÇÃO, GÊNERO E SEXUALIDADES: ARTICULAÇÕES EM TORNO DE IMAGENS EM TRÊS ESCOLAS DA PARAÍBA

1 INTRODUÇÃO

Este texto relata uma pesquisa em andamento, num contexto de doutoramento em Educação, que busca compreender manifestações/representações do feminino em pichações nos espaços escolares de três escolas, da cidade de Santa Rita, Paraíba. Esse feminino sendo aqui também compreendido como processo de hierarquização dentro de uma masculinidade hegemônica (CONNELL, 2013). Processos que também perpassam a homofobia e a reflexão sobre a questão gay, ou o ser homem gay, subalternizado como feminino, como ex-cêntrico (BORRILLO, 2009; ERIBON, 2008).

Para início de conversa, pensemos acerca da pichação, reconhecendo as mesmas como elemento das culturas juvenis da periferia, especificamente dentro do movimento Hip-Hop, sendo um de seus pilares, tendo como algumas de suas características, a conquista do espaço a ser pichado, a provisoriedade e descontinuidade (DUARTE, 1999).

Conhecer e compreender os grupos estabelecidos no âmbito destas escolas e o processo de identidade das/os alunas/os^[1] é algo que nos instiga. Contudo, a partir de nossas experiências profissionais, sentimos a necessidade de um olhar mais atento sobre os grupos estabelecidos nas escolas, direcionado às meninas – com idades entre 11 e 16 anos - e suas representações de identidades. Como são pichadas nas paredes/carteiras/banheiros destas escolas?

Pesquisar essas representações de identidades femininas nas paredes/carteiras/banheiros e suas participações nos grupos das instituições de ensino é algo que nos impulsiona. Sabemos que identidade são “posições” do sujeito, embora “sabendo sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro (HALL, 2012, p. 112).

Nessa vertente das representações construídas a partir de divisões e como posição de sujeito, operamos com o conceito de gênero. Entendemos gênero, então, como relações de seres humanos entre outros grupos humanos e com a diversidade da vida, biodiversidade, que são marcadas por processos sócio, históricos e culturais. As pretensas divisões entre homem e mulher, macho e fêmea, são baseadas em valores de mundo, numa percepção do que vem a ser essas diferenças, destaquem-se: percebidas entre os corpos (SCOTT, 1995). Nem mesmo a dualidade sociedade/natureza tem uma base “natural” de ser (HARAWAY, 1991, 2004). Assim, entendemos que o gênero está em constante construção no próprio processo do viver, do ser-estando-sendo em meio a relações de poder (FOUCAULT, 1988).

Não sendo um conceito necessariamente ligado à gênero, mas é uma ferramenta aliada para analisar especialmente nossas imagens a seguir, tomamos uma concepção. A sexualidade aqui não é compreendida como uma lei natural, uma pulsão incontável, lasciva, ou que se reduza aos órgãos sexuais, numa pretensa naturalidade das reproduções dos seres vivos. Não. Aqui, sexualidade é compreendida como um processo que se dá na significação, no simbolismo, nas relações e nas trocas dos desejos (GUATTARI; ROLNIK, 2005; WEEKS, 2000; FOUCAULT, 1988). Mediados por relações de poder, que vão marcando e construindo espaços sujeitos e discursos do/sobre poderes (FOUCAULT, 2007).

Compreender como são (des)construídas algumas identidades nestas escolas, viabilizou a reflexão acerca das possibilidades de (des)construção e reconstrução dos valores empregados às identificações femininas, numa busca de reconhecimento e tratamento equânime. Nesse sentido, partimos da prerrogativa que ser identificada como do gênero feminino dentro destes espaços escolares é estar suscetível a situações degradantes e abusivas. Sabendo que, a distinção entre homem e mulher (...) regula o modo como os indivíduos são tratados, os papéis que desempenham na sociedade e as expectativas em relação ao modo como devem sentir e se comportar (PAECHTER, 2009, p.16).

Sendo a identidade masculina, a que ocupa o espaço de privilégio na nossa sociedade (SCHWARCZ, 2019), os discursos que apontam essa identidade atrelada a maior capacidade do exercício de poder, emergem nestas pichações. Notamos a depreciação e marginalização as pessoas de identidades femininas.

Para chegar ao nosso objetivo utilizamos fotografias de pichações das escolas visitadas. Essas fotografias foram produzidas por uma das autoras, no ano de 2019. Em todas as escolas apresentamos os fundamentos éticos da pesquisa, que foi realizada com autorização. Abordaremos as imagens com frases e desenhos, que consideramos, mais significativas para este momento.

A escolha de trabalhar com imagens se deu porque acreditamos que elas refletem elementos das sociedades como forma de escrita dessa própria sociedade (SAMAIN, 1995). A fotografia aqui é fonte documental para entender nossos processos presentes e também passados (LOIZOS, 2008). Além disso, é uma pesquisa implicada, feminista, participe de um fenômeno social e comprometida com a trans-formação, ao menos a nossa própria (DONOSO-VÁZQUEZ; CARVALHO, 2016; HARDING, 1987).

Para darmos conta dessa análise iconográfica/iconológica, foi necessária uma visita ao significado de pichação, e suas práticas dentro da escola, considerando-as como um fator identificador de grupos, anseios e meio de comunicação. Entendida aqui como “cultura material deixadas por jovens que vivem o cotidiano escolar” (MARTINS, 2002, p. 57).

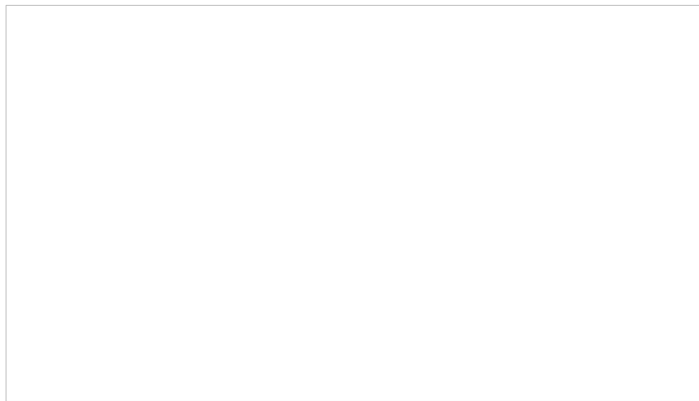
2 DESENVOLVIMENTO

As fotografias escolhidas para este relato nos trazem uma série de temáticas:

depreciação da figura feminina, associação de temas à localidade/bairros, órgão da sexualidade, homofobia, masculinidade hegemônica, a pichação como forma de comunicação com respostas/interações, diversidade de utilização de suportes, tais como paredes, quadros, etc, bem como diversas formas de ferramentas da escrita (lápiz, caneta, líquido corretivo, estiletes, etc). O critério para a escolha destas imagens, se deu em detrimento, das mesmas apresentarem um discurso direto, acerca das temáticas envolvidas nesta pesquisa.

A sexualidade, ou o exercício do prazer, ou o discurso sobre o prazer é evidente em todas imagens. Seja depreciando o corpo feminino, ou seu prazer, ou indicando o prazer privado no público, ou até mesmo construindo um espaço socializador da homofobia, essa temática perpassa o espaço escolar nas figurações da escrita apresentadas nessas fotografias. A figura 1 é bem evidente em tamanho e cores remetendo à uma forma de xingamento comum às mulheres. É possível também, observar nas imagens, o discurso de violência para com os corpos femininos.

Figura 1: Vadia da Porta

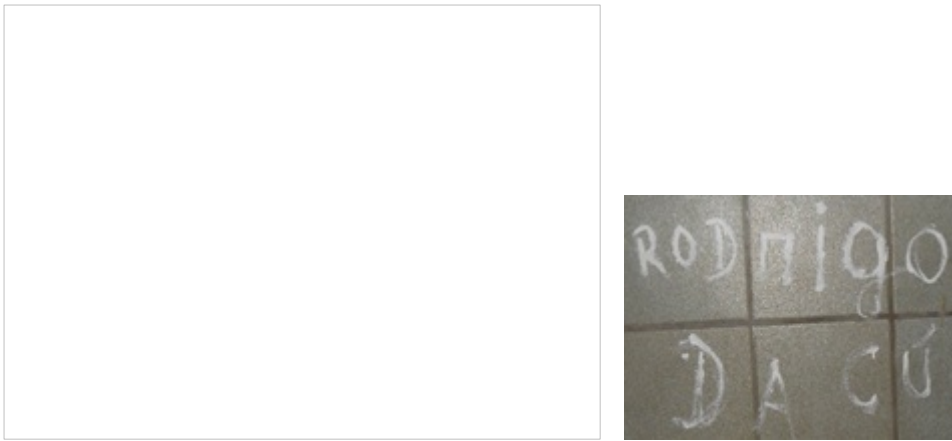


Fonte: Pesquisa Direta.

Nesta figura, podemos observar um picho feito em uma porta do banheiro feminino, de uma das escolas visitadas. As inscrições que aparecem são: “Pricila é puta de Tibiri em peso vadia”. Nesta grafia, a estudante é marcada de forma depreciativa, com letras grandes, para evidenciar. Um outro elemento que está explícito é o caráter geográfico, no sentido de aparecer o nome “TIBIRI”, que é o bairro, no qual a escola se localiza.

Outra forma de pichação de meninos é a da homofobia como socialização (BORRILLO, 2008). As juventudes nas escolas expressam suas sexualidades nas mais diversas formas (LOURO, 2010). Não é porque não se fala de sexualidade que ela não está presente (FURLANI, 2016). A figura 2 mostra um pouco dessa problemática.

Figura 2: Frase em parede do banheiro: “Rodrigo da cú”.

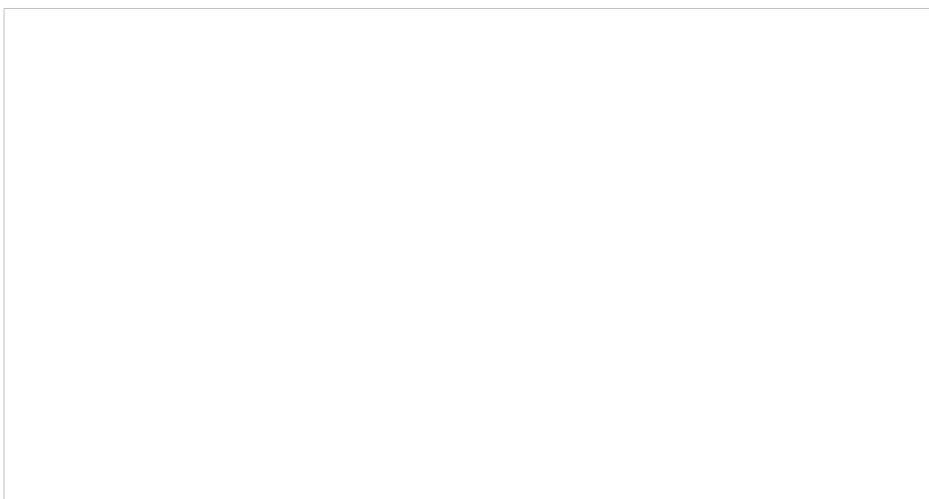


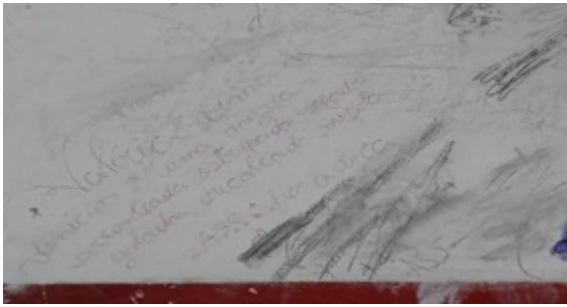
Fonte: Pesquisa Direta.

A frase “Rodrigo da cú” é uma forma de anúncio de algo privado, dele, de Rodrigo que é dado, é por ele entregue, como se fosse privado e nunca público. Deleuze e Guattari (1995) tratam da primeira forma de privatização: o cu. Este se torna tão íntimo que ajuda a criar esse processo de individuação. Por isso, ver esse cu numa transação pública é uma nova forma de política que ultrapassa o sistema obrigatório e normativo do sexo/gênero. Com o cu o prazer não é nem hétero, nem homossexual. Ele subverte a norma numa política analética (SÁEZ; CARRASCOSA, 2017; LEOPOLDO; COLLING, 2016). Porém, homofóbica porque não é um gritar “EU dou cu”, mas é um gritar-denunciar: “Rodrigo da cú”, não eu!

Pensamos a homofobia como socialização (BORRILLO, 2009). Isso quer dizer que enquanto prática social e material ela não carrega necessariamente um mentalismo, ou uma “fobia” das pessoas homossexuais, mas, por outro lado, ela é uma forma de ser e de estar na sociedade. Quando o cu, que é a primeira forma de privatização do eu (DELEUZE; GUATTARI, 1995), é pichado na parede deixando sua marca, ele se torna público. Mas não é o cu de quem escreve, é o do outro, que é anunciado. Essa forma de marcar alguém pela sua forma de viver e ter seu prazer muito se aproxima dos sistemas de estigmas que marcam e segregam em prol de uma hierarquização (ERIBON, 2008). Nesse sentido, não é uma aversão ao cu, ou ao outro, mas uma forma aprendida de ser homofóbico. Dessa maneira, a figura 2 ilustra como a sexualidade está imbricada nas escolas na troca do prazer público e privado. Talvez possa ser uma forma de cumplicidade com as violências físicas provocadas pelas masculinidades hegemônicas (CONNELL, 2013).

Figura 3: Recados borrados de banheiro





Fonte: Pesquisa Direta.

Nesta pichação acima, vemos uma troca de recados que foram escritos em um banheiro feminino de uma escola localizada no centro da cidade de Santa Rita-PB. No primeiro recado temos a seguinte grafia: “Valéria irmã de Vinícius é uma mizera arrombada estrupada safada galada recalçada mizera. ASS: fica a dica”. Logo abaixo é possível identificar que há uma “resposta” ao primeiro recado, mas não chegamos há tempo de fotografar este picho, a resposta, foi riscada, borrada, “apagada”. Tomamos como premissa, que esta pichação, foi feita por uma menina, e a resposta também, contudo, o fato da resposta ter sido borrada e a primeira pichação ter continuado na parede, nos tensiona a refletir acerca das relações de poder existentes entre essas meninas no âmbito destas escolas, e neste caso, nas paredes do banheiro.

Figura 4: Paredes do banheiro masculino:



Fonte: Pesquisa Direta.

Na figura 4, que apresenta algumas pichações na parede de um banheiro masculino de uma outra escola no bairro de Tibiri, podemos ler: “A professora de português a tarde dá mt cú”, “Mói de dá cú”, “Nirino é corno”, entre outros pichos, que são de nomes, algumas grafias que não conseguimos decodificar e fazer leitura. Desta forma, notamos que estas pichações trazem identidades femininas, as quais estão atravessadas de insultos (violências), relações de poder, pensando com Félix(2019, p.23), gênero surge como uma ferramenta teórica, política e pedagógica, desta forma, descrever as pichações das paredes/carteiras/banheiros, destas escolas, foi/é refletir acerca dos atravessamentos sociais, implicados nas distinções dos corpos femininos em detrimento do corpo “regra”, o masculino (hétero/branco/cis).

7 RESULTADOS DA PESQUISA

Nossa investigação se concentrou nos significados e nos conteúdos que as imagens das pichações nos proporcionaram, tendo em vista seus aspectos relacionais. Identificamos a anunciação da relação bairro/escola; homofobia; relações de gênero, e sexualidade. As quatro imagens aqui descritas, e brevemente discutidas com a tessitura de nossas vidas e da literatura científica, nos indicam que a linguagem da pichação utilizada, expressa muitos desejos escondidos, latentes, na busca de figurações e materializações.

Além da necessidade de trabalhar as questões das relações de gênero, hierarquizações entre homens e mulheres, masculinidades hegemônicas e cumplicidade masculina nesse trato, a escola também deve trabalhar a educação sexual. Porém, não deve ser uma forma prescritiva, mas da vivência, da multiplicidade do saber que é a sexualidade e suas imbricações com questões de gênero, classe, raça/etnia (FURLANI, 2016; LOURO, 2010).

8 CONCLUSÃO

A experiência desta pesquisa, nos deslocou para o cenário de três escolas públicas de periferia, entendemos a escola como um espaço (território), que é “entregue as jovens” pelo poder público, mas as mesmas não participam de sua construção (desde a estrutura física, até as implementações de currículos), entendemos estas pichações como expressões destas juventudes, e os diferentes territórios juvenis como lugares simbólicos (CARRANO, 2008). Assim, estas pichações nos contam a emergência e valia, das temáticas aqui apresentadas.

A temática das relações de gênero, e suas interseccionalidades, é urgente nas escolas brasileiras. Mesmo enfrentando uma condição política adversa, sabemos que historicamente a educação sexual sempre se fez presente nas escolas. Seja pela presença-ausência, ou pelas abordagens higienistas, moralistas, religiosas, etc. Essas pichações que ilustramos neste texto nos levam a pensar que educação sexual deve ser a partir das juventudes. Uma proposta de emancipação, de conhecimento, de produção de sujeitos e suas posições sociais hierarquizadas. Problematizar seus desejos, sonhos, anseios passa necessariamente pelo prazer do ser.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (Org.). **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: EdUnB, 2009. p 15-46

CARRANO, Paulo. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Seropédica, RJ: EDUR, v. 30 n 2, p. 62-70, jul-dez, 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/228437399_JOVENS_POBRES_MODOS_DE_VIDA em 20 ago. 2020.

CONNELL, Robert. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, jan./abr., 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014. Acesso em 24 ago. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 40, 1995.

DONOSO-VÁZQUEZ, Trinidad; CARVALHO, Maria Eulina. La perspectiva de género en la investigación educativa. **Cad. Pes.**, São Paulo, v. 23, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5074>. Acesso em 29 jul. 2020

DUARTE, Geni. A Arte na (da) Periferia: Sobre...Vivências. In: ANDRADE, Elaine (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

FÉLIX, Jeane. Estudos Culturais e os Estudos de Gênero: diálogos, aproximações e distanciamentos, In: GONÇALVES, Catarina; ANDRADE, Fernando (Orgs.). **Pelas Frestas: pesquisas em estudos culturais da educação**. Curitiba: CRV, 2019.

- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FURLANI, Jigema. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs and women**: the reinvention of nature. New York: Routledge, 1991.
- HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. Nova York; Londres: Routledge, 2004.
- HARDING, Sandra. **Feminism and methodology**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LEOPOLDO, Rafael; COLLING, Leandro. “Pelo cu: políticas anais: por uma ética da passividade”. **Medium**, 2016. Disponível em: <https://medium.com/@ralasfer/pelo-cu-pol%C3%ADticas-anais-por-uma-%C3%A9tica-da-passividade-884fb5cf8140>. Acesso em 14 ago. 2020.
- LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 136-155.
- LOURO, Guacira. “Currículo, Gênero e sexualidade: o ‘normal’, o ‘diferente’ e o ‘excêntrico’”. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 41-52.
- MARTINS-UEL, João Batista. **Pichação na escola e a construção da identidade juvenil**. Disponível em:
http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia_da_Educacao/Trabalho/08
Acesso em: 18 junho. 2020.
- PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Letramento: [s.l], 2017.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes antropológicos 2, 1995.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**,

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Sexualidades, Pichação.

[1] A partir daqui serão grafadas/os como alunas, abarcando todes gêneres possíveis